

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 15 — 27 DE JANEIRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$



VICTOR MAC LAGLEN e MARGOT GRAHAME os assombrosos intérpretes de O DENUNCIANTE o filme máximo da temporada!
Produção R. K. O. — Rádio
Distribuição «Aliança Filme, Limt.»
PORTO

ONALI! Neste número: MAURICE CHEVALIER, visto por CORINA FREIRE



Pesca milagrosa? Pelo menos assim parece... Dixie Lee arranca Wheeler e Woolsey das salsas ondas...

AS VACAS. A MOSTARDA E O CINEMA

A primeira vista, parecerá ao ciné-filo desprevenido que não existe correlação possível entre as vacas, a mostarda e o cinema. Pois há. E, digo-lhes, mais: se as vacas não gossassem de mostarda não haveria cinema.

Adeus Joan Crawford, Shirley Temple, Robert Montgomery, Chevalier, Adeus Lubitsch, Pabst, Van Dyke. Adeus horas felizes da tela.

Pois não entra a gelatina na fabricação do filme virgem que regista, sob a mágica mão do operador, os complicados conflitos amorosos da ex-mulher de Douglas Fairbanks Júnior, o sorriso meigo da «Menina dos Caracóis», as mais ou menos permanentes conquistas de Montgomery e as ultra-parisienses de Montygomery?

Mas o que terá de ver a gelatina com a mostarda, as vacas e o cinema?

A explicação é simples: para obter essa substância branda e trêmula com as propriedades necessárias à sensibilidade do material cinematográfico, é indispensável, antes de tudo, que as vacas simpaticizem com mostarda.

Parece «blaguez», mas não é. De resto não é obrigatório ser-se inglês para apreciar aquela especiaria. Alguns há até que a detestam...

Mas voltemos ao assunto. Imaginem que os sábios, sempre em busca de novas de sensação, garantem-nos que se as vacas abominassem a mostarda ignorariam ainda hoje o cinema.

Lumière, fulto da película milagrosa que lhe serviu para filmar o seu «Arroser arrosé», seria um desconhecido; e toda essa legião de «vamps», estrêtas e galãs, mais ou menos irresistíveis, estaria neste momento mergulhada no anonimato.

«Os noivos de Mary», «Shirley aviadora» ou a «Viuva alegre», nunca teriam existido como realidade cinematográfica. O divino Charlot seria, quau-

do muito, um pacato cidadão inglês, decerto muito preocupado com a questão etíope e com problema do Extremo Oriente. Ronald Colman, êsse, comandaria um regimento ou estaria na reserva a saborear as delícias de qualquer «collage» à beira do Tamisa.

Inclusivamente, não presenciáramos maravilhas como «Sequoia», «Raparigas de uniformes» e o «Judeu Suss».

É que a preciosa gelatina, empregada nos filmes, extrai-se das vacas, calmas e meigas que, sobre os taludes, olham geralmente para os combóios que passam, com ar indiferente e atônito.

São elas as primeiras a ser imoladas à sétima arte, o que representa um sacrifício digno de admiração e ao qual fugiriam, decerto, os mais apaixonados da tela...

Porém, nunca das desditosas são abalidas sem apresentarem um peso compensador que renda, em dinheiro, o que o criador julga suficiente. Há, pois, que alimentá-las e fornecê-lhe belos prados, onde variada vegetação lhes estimule a gula e sirva de regalo à tripa.

Eis onde reside todo o segredo da dependência em que vive o cinema do paladar daqueles inofensivos mamíferos. Sobretudo, se considerarmos que o enzofre, base das extraordinárias propriedades da gelatina de vaca, deriva do óleo de mostarda e que a maioria das plantas dos prados o possuem.

Pácil será, portanto, deprender que as vacas, ao ingeri-las, armazenam uma dose tal de óleo, que lhes enriquece extraordinariamente a gelatina.

Todavia, esta facultade de gostar de mostarda não se encontra com frequência nos outros animais. Um coelho, por exemplo, é incapaz de a comer, ao passo que a vaca come tudo quando lhe aparece. É género máquina. Daí, a gelatina proveniente doutros animais não ser empregada na confecção do filme virgem.

Os campeões de bilheteira, em Novembro

O «Motion Picture Herald» designou já quais os campeões de bilheteira, na América, no mês de Novembro: Ei-los:

1. *Mutiny on the Bounty* (M-G-M).
2. *Thanks a Million* (20th Century-Fox)
3. *The Crusades* (Paramount).
4. *A Midsummer Night's dream* (Warner).
6. *A Night at the Opera* (M-G-M).
7. *Metropolitan* (20th Century-Fox).

As dez melhores do ano

O comité dos melhores filmes da National Board Review elaborou já a sua lista de filmes, que compreende os dez melhores, exibidos entre 20 de Dezembro de 1934 e 20 de Dezembro de 1935.

A melhor entre as dez foi designada por unanimidade. O júri votou no *Denunciante*, de John Ford.

A lista dos dez melhores filmes é a seguinte, por ordem alfabética, segundo os títulos em inglês:

1. *Alice Adams*, de Katharine Hepburn
2. *Anna Karenine*, com Greta Garbo.
3. *David Copperfield*.
4. *The Gilded Lily*, com Fred Mac Murray.
5. *O Denunciante*, com Victor Mac Lagen.
6. *Os Miseráveis*.
7. *Os Lanceiros da Índia*, com Gary Cooper e Franchot Tone.
8. *Mutiny on the Bounty*, com Charles Langton e Clark Gable.
9. *O ultimo Escravo*, com Charles Langton.
10. *Who Killed Cock Robin*.

Este comité que julga os filmes, unicamente, sob o seu aspecto artístico e cinematográfico, citou, como dignos de menção especial, os seguintes filmes estrangeiros, exibidos na América:

Chapayev, *Crime e Castigo*, *O Ultimo Milionário*, *O homem que sabia demais*, *Marie Chapdelaine*, *La Materielle*, *The New Gulliver*, *Peasants*, *Thunder in the East* e *The Youth of Maxim*.

O segredo duns olhos bonitos

Joan Crawford é, de todas as artistas da tela a que tem uns olhos mais bonitos. São grandes, expressivos e dominam, por completo, a sua face. Ter uns olhos bonitos — é um dom da Natureza. Mas a verdade é que se podem valorizar muito, e o caso de Joan Crawford é convincente.

Lembram-se da famosa artista, nos seus primeiros tempos? Tinha uma cariluta banal, uns olhos claros e quasi inexpressivos. Os maquilleurs valorizaram-nos até ao infinito. E Joan Crawford aprendeu muito com êles. São seus estes conselhos preciosos, que as leitoras vão apreciar:

É rara a mulher que não tem, pelo menos, uma boca bonita ou uns olhos tentadores.

Os olhos, qualquer que seja a sua cor, devem metade de beleza às pestanas.

As pestanas são bonitas, caso sejam escuras, longas e curvas. Um bom cosmético dar-lhes-á tudo isto. Mas algumas mulheres não podem usá-los. A aproximação da escovazila enerva-as de tal forma que impede a aplicação perfeita do produto.

Experimental este efeito que, por vezes, resulta: sombrei a pálpebra superior desde o bordo e esfumai junto à sobrancelha. Pintai as pestanas superiores abundantemente. Na pálpebra inferior fazei o contrário, colocai-lhe um pouco de pó de arroz e pintai pouco as pestanas.

Um outro conselho: Não deveis esquecer que as pestanas parecem mais compridas quando as sobrancelhas estão bastante depiladas. Uma maçagem com vaselina atenua a dor que sentimos ao arrancá-las.

É necessário sofrer para sermos belas... mas o menos possível

Mas merece bem a pena, pois estes pequenos nada é que tornam as caras frescas e alegres; para nos convenceremos que isto é verdade basta repararmos nas nossas avós (nas mãis não, porque já fazem o mesmo). Os institutos de beleza afugentam os anos...



Um grupo de «girls», no bailado dos balões do filme The Great Ziegfeld

Por conseguinte, se um dia as vacas, perante o progresso culinário do século, vêm a enjotar a mostarda, ou a trocá-la por outro tempéro (ponhamos «pickles», por exemplo) as máquinas de filmar errarão. Mae West deixará de receber, anualmente, 7.500 contos, e Bing Crosby 4.300.

Hollywood tornar-se-á um deserto

e, aos dez milhões de desempregados da pátria de Roosevelt, juntar-se-ão alguns milhares de trabalhadores de cinema. Finalmente, deixaremos de ler estreitas...

Aqui temos, pois, o que nos diz a ciência, pela boca autorizada do professor inglês dr. C. E. K. Mees.

OPERADOR N.º 19

Os que dão mais dinheiro

O *Motion Picture Herald*, o grande magazine americano, organiza, todos os anos, um meticuloso inquérito, para saber quais as vedetas que deram mais dinheiro, durante a época. Cada exhibidor, fornece a nota exacta das receitas e o apuramento é objecto dos mais variados estudos, a-fim-de que os resultados sejam o mais reais possíveis.

Os vencedores, na época de 1934-1935, foram:

1. Shirley Temple.
2. Will Rogers.
3. Clark Gable.
4. Fred Astaire-Ginger Rogers.
5. Joan Crawford.
6. Claudette Colbert.
7. Dick Powell.
8. Wallace Beery.
9. Joe G. Brown.
10. James Cagney.

A vencedora do concurso foi, pois, Shirley. Com os seus seis anos de idade — é a maior atracção de bilheteira nos Estados Unidos. A seguir, Will Rogers, que morreu, há pouco, no desastre de aviação em que Willy Post perdeu a vida.

Fred Astaire e Ginger Rogers foram apreciados como par, e individualmente. A sua classificação individual anda mais longe. Quere dizer: valem mais, lado a lado, no mesmo filme.

A notar, os três magníficos lugares que, entre 200 artistas, Joe E. Brown, James Cagney e Dick Powell, alcançaram. Em Portugal, são pouco mais do que desconhecidos.

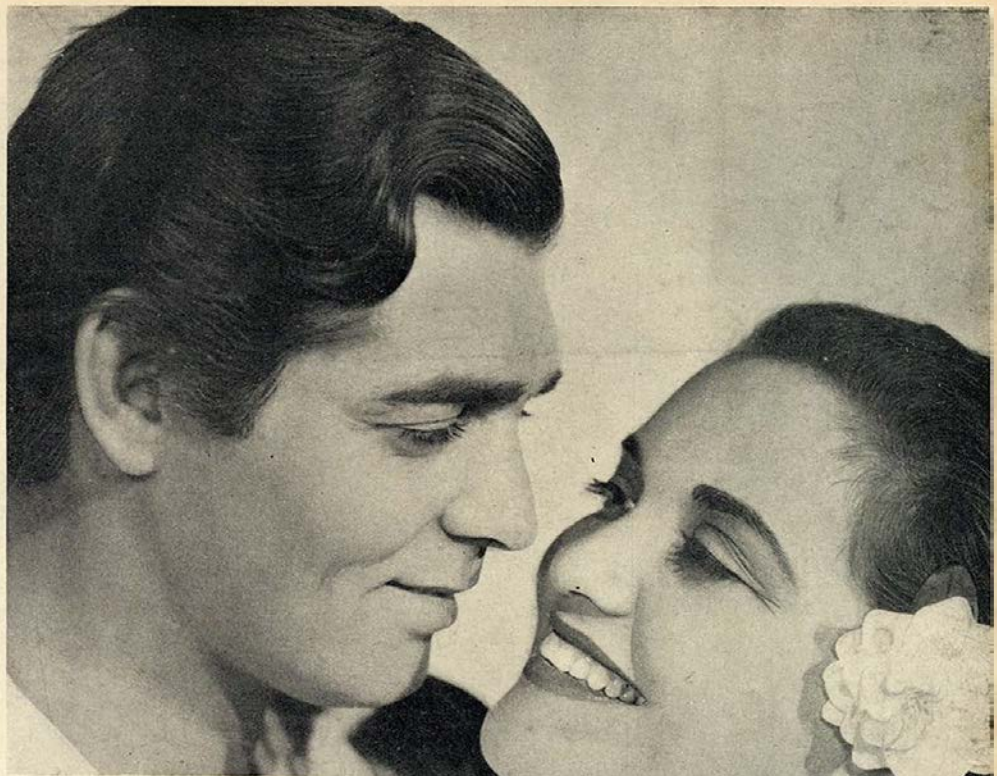
Mas prossigamos a lista:

11. Mae West.
12. Bing Crosby.
13. Fred Astaire (individual).
14. Ginger Rogers (individual).
15. William Powell.
16. Janet Gaynor.
17. Jean Harlow.
18. Norma Shearer.
19. W. C. Fields.
20. Ruby Keeler.
21. Warner Baxter.
22. Grace Moore.
23. Katharine Hepburno.
24. Buck Jones.
25. Frederick March.
26. Pat O'Brien.
27. George O'Brien.
28. Eddie Cantor.
29. Robert Montgomery.
30. Wheeler e Woolsey.
31. Gary Cooper.
32. George Raft.
33. Myrna Loy.
34. Jane Withers.
35. Jeannette Macdonald.
36. George Arliss.
37. Dick Powell-Ruby Keeler.
38. Kay Francis.
39. Richard Dix.
40. Hoot Gibson.

Vejam agora, para não prolongar a lista, em que lugares vamos encontrar, algumas vedetas favoritas do público:

Charles Langhton	42.º
Greta Garbo	44.º
Lionel Barrymore	49.º
Laurel & Hardy	58.º
Ronald Colman	71.º
Silvia Sidney	75.º
Miriam Hopkins	82.º
Franchot Tone	89.º
Harold Lloyd	91.º
Johnny Weissmuller	108.º
Dolores del Rio	113.º
Maureen O'Sullivan	119.º
Maurice Chevalier	125.º
Fay Wray	139.º
Charles Boyer	154.º
Marlene Dietrich	159.º
Jean Kiepara	170.º

Das comparações feitas entre as diversas vedetas, o seu êxito na América, e o seu prestígio em Portugal, concluímos sem esforço que a popularidade e o êxito são proporcionais aos diversos públicos e variam consoante a latitude do lugar.



Clark Gable e uma beldade desconhecida, tal como aparecem num filme em realização.

A reedição do «Jogador de Xadrez»

O *Jogador de Xadrez*, que foi um dos grandes êxitos do cinema francês, no tempo do mudo, vai ser reeditado pela «Compagnie Française Cinématographique».

O novo filme de Greta Garbo

Logo que regressar a Hollywood, Greta Garbo, sob a direcção de Irving Thalberg, interpretará o principal papel de *A Dama das Camélias*, segundo o romance célebre do mesmo nome.

Charles Laughton, no «Cyrano»

Charles Laughton, sob a direcção de Alexandre Korda e Lee Garmes, vai iniciar, dentro em breve, para a London. *Cyrano de Bergerac*.

Um processo por difamação

Como devem estar lembrados, o Dr. Pfeiffer, de Dijon, tentou, em tempos, um processo à firma *France Actualités*, na pessoa da gerente, M.^{me} Germaine Dulac, em virtude, dum jornal de actualidades ter incluído, na reportagem da morte do conselheiro Prince, um aspecto da sua casa de saúde. O Dr. Pfeiffer foi de opinião de que o facto, em si, levava água no bico, que o prejudicava altamente, e intentou um processo de difamação, exigindo uma quantia elevada, para fazer face aos prejuízos.

O tribunal correcional de Dijon deu-lhe razão e fixou a indemnização em 4.000 francos. O dr. Pfeiffer achou a soma mesquinha e recorreu da sentença.

O novo julgamento deu razão ao autor do processo e elevou para 25.000 francos a indemnização que Germaine Dulac lhe terá de pagar.

A Imprensa protestou nestes termos:

«Se o facto de, no decurso dum entêrrão ou duma parada, se filmar um edifício, que estiver no campo da objec-

GEORGE MILTON VEM A LISBOA !

George Milton, o famoso Rei dos Borlistas, um dos melhores cómicos da actualidade, actor, cantor, bailarino, vem a Lisboa, nos dias 22, 23, 24 e 25, dar uma curia série de espectáculos.

Esta noticia, que damos em primeira

mão, vai encher de júbilo, por certo, todos aqueles que se habituaram a admirar o artista, trauteando as suas músicas célebres, o J'ai ma combine e o C'est pour mon papa, que o revelaram entre nós.

liva, constituir delicto, o que faremos! «Porque, se a casa de saúde do Dr. Pfeiffer figura no filme, única-posto, mormelne o que se denomina o itinerário hipotético, mas provável, seguido por Prince.»

Dois artistas mortos

Monna Lys, que acaba de interpretar *Donogoo*, o novo filme da Ufa, morreu há dias, em França, aos 25 anos de idade, com um ataque cardíaco.

Le Gallo, o famoso cómico do Palais Royal, que vimos em vários filmes da Ufa, faleceu, sibitamente, em Paris, para onde fôra horas antes.

Julio Verne, na tela

Os romances de Julio Verne, tão cinematográficos na sua essência, no seu quadro e na sua acção, só esporadicamente haviam sido adaptados à tela, vão agora ser filmados, um a um, por uma firma recém-constituída e que tem,

por única missão, transportar para o filme as obras do inesquecível romancista de *Volta ao mundo em 80 dias*.

«Films Julio Verne» adquiriu os direitos de 70 romances do famoso escritor.

A greve dos cinemas franceses

Continua cada vez mais acesa a luta dos cinemas franceses contra os impostos, mormelne o que se denomina «le droit des pauvres».

A *Cinematographie Française*, órgão da indústria, em artigos inflamados, tem atacado, de frente, a questão. Está preparada, à primeira voz, uma greve de todas as salas de Paris, como protesto contra esse estado de coisas.

Nice, porém, deu o exemplo. Os cinemas uniram-se e declararam-se em greve. Durante alguns dias, a situação manteve-se. Depois, começaram os entendimentos, e as salas reabriram, quando a Municipalidade suspendeu o imposto do «direito dos pobres», até nova ordem.



ESTA rapariga, que vai para seis anos apareceu em Portugal e aqui se fixou, deslumbrando-nos com a sua arte e com a graça espiritual do belo corpo de ninfa; esta rapariga, que reflecte em seus olhos verdes e vagamente tristes os longes dos lagos e das florestas dessa poética Alemanha de músicas e de lendas — tem uma história.

● jornalismo cinematográfico tudo descobre e se não fôra ela tomar parte no *Trevo de quatro fôlhas*, que Chianca de Garcia está realizando no Luniar, talvez nunca em Portugal se soubesse quem era Mafalda, a bailarina estranha que tem no olhar estranho a luz clara das límpidas manhãs de Abril.

Mafalda foi uma criança feliz, brincando nos verdes bosques de Eschenlohe, nos arredores de Munich, onde os pais, que ainda vivem, tinham um hotel risonho, um desses alegres hoteis de provincia de que a Alemanha, país onde se toma banho todos os dias, está povoada para fazer a delicia dos turistas que a visitam.

Mas veio a guerra e o pai de Mafalda teve de ir à guerra. Combateu na frente

oriental e regressou à sua terra com uma perna estropiada. Vinha cansado, desiludido da febre guerreira que tomou todos os alemães e também todos os aliados nos primeiros dias dessa hecatombe que é a vergonha dos homens do século XX.

Vendeu o hotel por uma fortuna — 150 mil marcos — e dispôs-se a gozar na pacatez do seu lar feliz a velhice sossegada a que tinha direito. Mas veio logo a inflação, a história, a grande história dos marcos, de que os senhores se lembram com certeza, e os 150 mil marcos do lindo hotel de Eschenlohe desapareceram na voragem das grandes complicações financeiras...

E Mafalda e Inez, sua irmã, tiveram de trabalhar, de ganhar a vida. Ela era muito pequenita, treze anos — uma criança.

Estudava num colégio inglês de Pasing e teve de abandonar os estudos. Tinha jeito para bailar. Era preciso bailar...

E aqui começa a sua história de artista, com a Inez e com o Piero, seu primo, um rapaz distintissimo de uma nobre familia de San Remo, na Itália.

E Mafalda, a criança dos olhos verdes que reflectem os longes dos lagos e

das florestas dessa poética Alemanha de músicas e de lendas, pisou pela primeira vez um palco em Chemnitz — tinha 13 anos.

Era graciosa e linda. Sua irmã e seu primo tratavam-na como criança mimada a quem era preciso satisfazer todos os caprichos. Ainda hoje, na sua casa de Lisboa, Mafalda é a menina mimada. A menina já veio? Onde foi a menina? A que horas vem a menina para jantar? Chamem a menina ao telefone...

Depois de Chemnitz foi Dresden e depois de Dresden, Praga. E vem Zagreb, Belgrado, Constancia, Atenas, Constantinopla, o Cairo, a Índia e Marselha e Paris e a Itália.

Depois quer trabalhar só.

— Só, tão nova? — preguntamos-lhe.

E ela, sorrindo:

— Já era uma mulherzinha, tinha 16 anos.

— E o que fez, só, por esse Mundo?

— Asneiras... — responde ela, simplesmente.

E comenta:

— Sempre que fico só, deixando o Piero e a Inez, faço asneiras...

— Para onde foi?

— Para Bucarest, Viena, novamente Bucarest e de novo a Munich. O que en fiz, meu Deus!

«Os contratos ehoviam de todo os lados e eu assinava tudo, numa inconsciência prodigiosa. E assinei contratos para o mesmo dia para Postdam e Varsóvia, para Londres e para Bucarest! Pobre paizinho! As mltas que é leve de pagar por causa da minha eriancie! Nem tôdas se pagaram, porque tudo aquilo era um dilúvio! Por causa disto ainda hoje não posso trabalhar na Alemanha. Foi o que eu arranjei com a tal chuva de contratos...

— Para onde seguiu, depois do seu regresso a Munich?

— Para Espanha e depois para o Portugalzinho...

É assim que ela diz, Portugalzinho, numa manifestação carinhosa que não nos passa despercebida.



Foi ainda ao Brasil, à Argentina e à Africa Ocidental portuguesa em companhias nossas e por cá se tem conservado, porque nunca encontrou país onde se sentisse tão bem como no nosso. Fora a sua pátria, claro.

— Gosta de fazer cinema?

— Muito.

— Que nos diz do seu papel no *Trevo de quatro fôlhas*?

— Gosto muito dêle, porque estava doída por fazer cinema.

— Sente que o papel entá dentro da sua psicologia?

— En gosto muito de rir e na fila não rio... Faço uma Lola que é uma *wamp* muito perigosa e eu sou muito boa rapariga...

— Que lhe parece a vida no estúdio?

— Excelente. Dou-me bem com todos e todos se dão bem comigo. Chianca de Garcia, que é uma pessoa muito inteligente é também um belo camarada, como Beatriz Costa, Maria Castelar, Nascimento Fernandes, todos, enfim, porque lá em cima, no Luniar, nós formamos uma familia.

Calou-se Mafalda.

E ao pronunciar a palavra *familia*, pelos seus belos olhos verdes passou uma névoa de saídade.

Decerto ela viu lá muito longe, no cenário encantador de Eschenlohe, o claro hotel de seus pais, as árvores gigantescas onde ouviu cantar os rouxinóis da sua terra, os brinquedos da sua meninice, o seu colégio em Pasing, a guerra, a inflação, toda a sua infância destrogada e perdida pelos grandes palcos internacionais, o corpito airoso de boneca rodopiando à luz viva das gambiarras, sob o olhar incediado de mil públicos estranhos, alemães e italianos, austriacos e franceses, turcos, egipcios, polacos, romenos, búlgaros — a Vida...

É assim Mafalda, a bailarina dos olhos verdes...

5 MINUTOS

Reproduzimos, abaixo, na íntegra, a curiosa e curiosa palestra que, subordinada ao título que figura nesta página, o nosso prezado camarada de redacção, Raúl Faria da Fonseca, proferiu, ao microfone da Rádio Sonora, no programa da penúltima emissão cinematográfica daquele posto:

QUANDO se fala num grande filme colonial, que urge realizar para prestígio da nossa acção colonizadora, raras são as pessoas que confiam no êxito dessa iniciativa. Não porque falem valores apazes de tamanho empreendimento, mas porque temem a escassez de motivos para obra de tão grande vulto. Já não é a primeira pessoa a recordar-me essa dificuldade, que, de facto, não existe. A todos respondo que não existe, e justifico a minha resposta. Senão, vejamos:

A primeira qualidade a exigir dum grande filme sobre as colónias portuguesas, com fins de propaganda é, sem dúvida, a de demonstrar que nos focos de colonização se pode fazer vida semelhante à da Metrópole, e que os nossos colonos ali vivem e prosperam como vive e prospera qualquer cidadão metropolitano. Se o filme atravessar as fronteiras da nacionalidade portuguesa, com êsses mesmos elementos se demonstra aos estrangeiros que Portugal merece o seu vasto Império Colonial porque o sabe utilizar.

Transportemo-nos, por exemplo, para Angola.

O barco onde viajamos aprôa a Luanda, cidade florescente, capital da Colónia, em nada inferior à maior parte das cidades do Continente Negro. Desembarca-se, sobe-se ao bairro novo, e fica-se encantado com os arruamentos regulares, definidos pelo casario alegre. Lógicamente, Luanda continua a progredir. O barco faz rumo ao sul, e leva-nos ao Lobito, magnífico pórtico de mar, o primeiro da costa ocidental. Linhas modernas, material moderno, vida moderna. Respira-se um ar de movimento, de actividade comercial. Aqui começa o grande caminho de ferro de Benguela. Silva o combóio, e aí está para que serve um grande pórtico: lá vêm os produtos, doados pela terra, ao colono infatigável, justa recompensa do seu trabalho honrado. A cidade, em si, é modesta, mas deliciosa e encantadora. Deixámo-la, por certo, com saúde.

E o navio vai mais além. Passa por Benguela, populosa, e atinge Mossâmedes, outro

pórtico, outra cidade, mas a mesma vida, o mesmo testemunho de laboração e progresso. Uma indústria local bem organizada: a pesca e seus derivados.

Para trás, ficaram outros portos, outros pontos de convergência dos resultados duma grande actividade. Cabinda, Zaire, Ambriz, Ambrizete, Amboim, Novo Redondo, Pórtico Alexandre, Baía dos Tigres, para trás ficaram. Frequentados por mais de 12.000 barcos, em cinco anos, com um movimento de mais de um milhão de toneladas de mercadorias, e de cerca de 200.000 passageiros em igual período.

Deixemos o vapor. O combóio vai revelar-nos Sá da Bandeira, cidade do interior, uma autêntica revelação. É que no interior também se vive: há meios de trabalho. O imenso planalto da Huila, parece a continuação do nosso Portugal. Como êle, o do Bié

e o de Malange. Searas imensas, imensas plantações. Trigo, arroz, árvores de fruto. — tudo como em Portugal.

Mas não basta ver Sá da Bandeira. Tomemos um automóvel. As estradas são admiráveis e levam-nos a toda a parte. São 40.000 quilómetros de boas estradas. Graças a elas, podemos visitar outros centros importantes de população: Nova Lisboa, Silva Pórtico, General Machado, Vila Luso, Vila Henrique de Carvalho, Malange, Maquela do Zombo, Dalatando Lucala, etc. Por toda a parte se

trabalha, em toda a parte se encontram centenas e centenas de colonos portugueses, cheios de confiança na recompensa da terra. Quasi 60.000 almas deixaram Portugal velho em demanda daquele Portugal novo. O Estado auxilia-os como pode. Estações experimentais de Agricultura e Pecuária, postos de reprodução e selecção de sementes e espécies animais, postos sanitários e hospitalares, etc., etc. Há liceus, dezenas de escolas de ensino primário e profissional, de artes e ofícios. 2.400 quilómetros de linhas férreas. Indústrias várias: Massas alimentícias e moagem, álcool, açúcar, tabaco, óleos, cal, cordoaria, e mais. Exporta-se café, oleaginosas, peixe seco e em conserva, cacau, milho, trigo, arroz, algodão, cisal, couros, cobre, marfim, e até diamantes.

Nada mais é necessário para justificar, perante todo o Mundo, o nosso direito às colónias, e, perante os portugueses, que Portugal não acaba no Atlântico.

Mas, o nosso filme, não deve constar somente duma propaganda. Outros elementos importantes nos devem preocupar, e sem os quais uma película desta natureza se tornaria monótona e maçuda. O aspecto artístico também conta, e se a dúvida está nisso, estejam descansados os receosos. Não faltam milhares de motivos cheios de arte, transbordantes de beleza. Cenários majestosos, recantos bucólicos, música maviosa, verdadeiros poemas de beleza, há-os por todo o nosso território. Há também emoção e dinamismo. Sertões intermináveis habitados por feras, campinas a perder de vista, coalhadas de antílopes, búfalos, elefantes, zebras e outros. Há quedas de água, cataratas imensas e rápidos assustadores. O relato da vida dos indígenas seria «chave de ouro» ideal para tão lindo poema.

É incomparável a fotogenia das nossas terras de além-mar.

Bastaria ela para justificar a realização dum filme colonial?

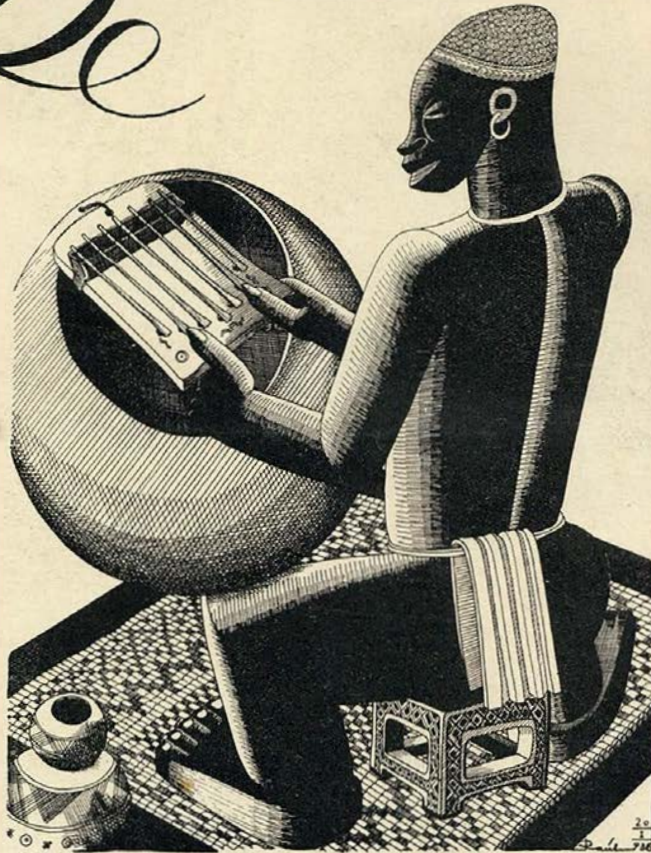
Eu respondi já: os outros, quasi todos os outros, responderão também. Receio que respondam mal.

...Quando se fala dum grande filme colonial, que urge realizar par prestígio da nossa acção colonizadora, raras são as pessoas que confiam no êxito dessa iniciativa...

Lisboa, Janeiro de 1935.

RAÚL FARIA DA FONSECA.

(Desenho inédito do autor)



CINEMA

Colonial

SÓ FEIA



como tôda a gente sabe, é o segredo de Polichinelo).

Trato bastante dos cabelos. De dez em dez dias, uma maçagem com óleo, seguida dum lavagem com «shampoo» e três passagens por água tépida acidulada com sumo de limão. Tôdas as tardes faço uma pulverização com brilhantina. Existem pulverizadoras inodoras e não gordurentas que podemos misturar com o nosso perfume habitual. Os pulverizadores compro-os nos cabeleiros.

Existe um modelo em «caoutchouc» que não é muito caro.

Vinco com a mão tôdas as ondas e mantenho-as debaixo dum finíssimo véu, prêso por ganchos delgados, quasi invisíveis. Isto permite que a «mise-en-plis» se conserve impecável duma lavagem à outra.

Sempre que estejais em casa a coser, a ler ou a fazer a vossa toilette, colocaí esta finíssima rede depois duma rápida «mise-en-place» aos cabelos.

Conseguireis assim uma cabeça sempre bem penteada.

Tenho corrigido o meu rosto alongado.

Os «maquilleurs» do estúdio sabem admiravelmente arredondar ou alongar o rosto, colocando a pintura das faces mais ou menos acima.

Ao mesmo tempo, adopto um penteado largo, que atenua também o comprimento do meu rosto.

Tendes uma dôca grande?

Pois olhem, tenho-me defendido desse defeito, exagerando o próprio defeito. Deixo-a grande, a pesar da moda actual, acentuo mesmo o seu tamanho.

Para os lábios emprego um lápis bastante duro, com o qual desenho o contorno da boca.

Depois, no interior desse desenho, espalho com o dedo um «rouge» gorduroso.

Quanto aos dentes, que nunca receio mostrar largamente — um sorriso faz esquecer tantas imperfeições! — resigno-me a que sejam grandes, mas quero-os claros, brilhantes e nacarados. Os elixires são os grandes auxiliares: uns branqueiam os dentes e outros coloram as gengivas. Compleiai estes cuidados limpando os dentes, no fim de cada refeição, com uma escova rija.

Ultimo recurso

Se tiverdes já utilizado os mil e um segredos da «coquetterie» para conquistardes o máximo de beleza que vos é permitido conseguir, se utilizasteis diariamente êsses mil e um segredos e desejais obter ainda melhores resultados, aconselho-vos os grandes meios, pois são sempre os grandes remédios: a cirurgia estética. Hoje em dia é uma das especialidades mais importantes e mais complicadas.

JEANETTE MAC DONALD

Quem



Quere

AS mulheres bonitas desde que nasceram são raras e não são absolutamente bonitas. Podem ser lindas enquanto crianças mas modificam-se chegando a mulheres. Habitua-se a essa beleza natural, a essa beleza de nascença, e porque a têm possuído até ali julgam que a terão sempre. Quantas mulheres passam por reparigas encantadoras quando têm trinta anos.

Mas existe o contrário: mulheres que são dotadas dum físico vulgar e que sabem inteligentemente lilar parlido, construindo uma beleza inexistente.

Muitas das grandes artistas confessam ter sido feias: Katherine Hepburn, Barbara Stanwick, Norma Shearer e muitas outras cuja beleza elogiamos, devem muito à *maquillage* e aos penteados.

Os mil e um sucessos e contrariedades duma carreira difícil são em parte motivados pela luta quotidiana pela beleza. Esta beleza é como o dinheiro: não sabemos guardar muito tempo o que ganhamos a custo.

O espelho do «écran»

É o «écran» que nos obriga a corrigir os nossos defeitos. É êle que os descobre. É uma espécie de espelho de aumentar onde podemos ver, objectivamente, aquilo que é difícil de discernir num espelho vulgar.

Assim, tenho podido obter aquilo que me faltava; possuía pernas satisfatórias, linha elegante e cabelos bonitos, mas o rosto era comprido, a boca larga e os dentes grandes.

Tenho sabido fazer realçar as pernas.

Tenho conservado a minha linha elegante (regime alimentício e gymnástica,

Jeanette
Mac Donald

Maurice Chevalier

CORINA Freire é hoje, sem dúvida, uma figura que se impõe no meio artístico português. Afirmou-se, em primeiro lugar, como uma cantora de mérito! Tentou, depois, o Teatro com êxito.

Entrou nos dois primeiros filmes portugueses da Paramount. A sua actuação foi prejudicada por um conjunto de circunstâncias várias de que lhe não cabem as culpas. Agora, Corina Freire trabalha em Paris, no «Casino», na «Parade du Monde», a revista que marcou a reaparição de Maurice Chevalier em França, de volta da América.

Isto diz tudo. Atesta a categoria do teatro — e do espectáculo em si.

Corina Freire triunfou em Paris. Triunfo absoluto, completo e dominador. Actua como vedeta, num quadro português, que revive ante os olhos dos parisienses o pitoresco tradicional da nossa terra. Pessoas que, em regra, se sentem mal quando os outros se afirmam e vencem incondicionalmente além fronteiras, têm-se dedicado a criticar, com mais ou menos sarcasmo, o quadro português da Parade du Monde. Diremos apenas que elle agradeceu incondicionalmente, que é rico de côr e de beleza, embora, de facto, não tenha o luxo do de outros países. Diremos ainda, uma

vez mais que, de facto, não se podem impular as culpas a Corina Freire, que com a sua natural distinção e a sua arte incontestável lhe tem sabido imprimir um encanto e uma beleza especial, que o distingue de todos os outros.

Dissemos que Corina Freire ven-

ceu. É a pura verdade. Conquistou o meio hostil e cosmopolita de Paris. Corina Freire é uma artista de quem se fala. E aqui temos nós, por exemplo, sobre a mesa de trabalho, algumas revistas parisienses, onde o nome de Corina Freire figura em quasi tôdas as páginas, como um «leit-motiv».

Corina trabalhou, durante dois meses, tôdas as noites, na revista onde Maurice Chevalier actuou antes de partir para Londres, para filmar The Beloved Vagabond.

Pedimos-lhe as suas impressões

isto or



A Leme-Jornal
Com os meus melhores votos
de prosperidades e toda a
minha simpatia
Paris Janeiro 1935 Corina Freire

sobre o famoso artista. Com a sua gentileza costumada, Corina Freire não se fez rogada e enviou-nos as curiosas notas que se seguem. Lamentamos apenas que não sejam mais extensas, tanto mais que sabemos que a illustre artista as reduziu com o infundado receio «de massar os leitores», aos quais se destinavam.

É um novo Maurice que surge, através dos comentários de Corina Freire. O Maurice Chevalier, profissional até à medula, cioso do seu nome, que se rodeia de todos os cuidados e de tôdas as precauções para o defender.

Mas deixemos falar Corina Freire:

Maurice Chevalier, com quem trabalhei cerca de dois meses e meio, é considerado actualmente o primeiro fantasista francês. Ser fantasista é ter um repertório de canções e interpretá-las mais com mimica do que com voz. Maurice Chevalier não tem voz nenhuma. Mas a interpretação que dá a tudo quanto pretende cantar é tão inteligente que a canção vive e o público canta — o que no fim de contas não ouviu cantar...

Trabalhador infatigável, e em cena há 30 anos, Maurice Chevalier está hoje em plena posse da sua arte. Não deixa nada ao acaso. O mais pequeno gesto, a mimica virgula, a mais leve pausa — são ensaiadas vezes seis conta. Até

exige ensaio para o correr da cortina!

Tive ocasião de vêr isso, no dia em que elle foi ao «Casino» afinar o seu «tour de chant» (como aqui dizem) com a orquestra e os projectores. Com effeito, para algumas das canções convinha-lhe, por serem as últimas, que corresse o pano, para dar a impressão de que tinham acabado, e provocar o chammamento do público. «Ici, trois faux rideaux», dizia elle! Deux faux rideaux! Rideau!

Pode dizer-se até que está tudo afinado de mais. Falta-lhe um pouco de espontaneidade. Ao terceiro compasso, sabe-se que põe o seu já célebre chapéu de palha sobre a testa, ao 5.º compasso, que o atira para a nuca; ao 7.º, que põe o pé direito para traz; ao 10.º, que o torna a pôr para a frente! Nunca há surpresas!...

Mas isto só sabe quem o vê ensaiar ou quem o vê trabalhar todos os dias. O público ignora o facto e Maurice Chevalier é agora, para o público de Paris, um ídolo, indiscutivelmente um ídolo. E digo agora, porque, há uns tempos, de volta da América, acusaram-no de ser mais inglês do que francês. E pouco faltou para o assobiarem, no teatro onde reapareceu (não me lembro qual), e onde a sua exibição redundou num insucesso, pelo menos atendendo ao que seria lícito esperar.

Maurice Chevalier sentiu isso. E reapareceu no «Casino» de Paris, com um repertório inteiramente francês. O público convenceu-se de que Maurice Chevalier era novamente francês, francês dos pés à cabeça, e que nunca poderá ser senão francês — não obstante ter a mania de tudo quanto é inglês ou americano.

Mas como se trata apenas de «mania» — o público perdoa-lhe, esquece e aplaude-o, com entusiasmo!

CORINA FREIRE

CORINA FREIRE

A esquerda: o quadro português da «Parade du Monde». A fotografia foi tirada durante um ensaio. O maestro está em mangas de camisa e os fatos das «girls» estão incompletos. Em cima: o «cocktail» de despedida que Maurice, antes de ir para Londres, ofereceu aos seus colegas do «Casino». Na foto reconhece-se, facilmente, Corina e Chevalier

Crónica da Semana

palhada que muita gente acredita que se os governos chamassem a si a produção do armamento, as guerras teriam para sempre desaparecido.

Ora se o fabrico de armas está em muitos países na mão de particulares é porque as mesmas saem mais caras quando produzidas pelo Estado.

Reduzir as determinantes dos conflitos armados à influência de este ou daquele potentado financeiro, ou mesmo de todos eles juntos, é simplificar realmente o enunciado do problema, mas é também atribuir um valor falso à incógnita.

A alegria das plateias

AINDA apegados a holorentos preconceitos que nada justifica, no tempo que atravessamos, há espectadores que vão para o cinema com a predisposição de ter uma composição, uma linha de conduta, de quem está numa igreja.

Nada mais errado. O espectáculo cinematográfico, dinâmico, variado, sempre atraente, é um divertimento impregnado da melhor e mais salutar mocidade contemporânea, mocidade que, infalivelmente, tem de se reflectir no

Carta do Porto

narem proficua, porque havemos nós de nos armarmos em gatos-pingados, em vez de rirmos, de rirmos à vontade, com toda a violência?

Mesmo, sendo o riso o melhor bálsamo para lódas as agruras da existência, que estúpidas pragmatias nos podem inibir de o procurarmos, de o exteriorizarmos, se isso, sem prejudicar alguém, nos dá prazer?

Quando podemos, quando devemos rir, quando achamos graça a uma película, nada, absolutamente nada, nos pode impedir que exteriorizemos o nosso contentamento, e a nossa satisfação, franca e abertamente.

Por isso, ao contrário de muitos sisudos e circunspectos cavalheiros e rubicundas mããs, eu recomendo ao leitor amigo que, sempre que esteja em face de um filme alegre, nunca deixe de rir à vontade, e até irreverentemente, se quiser.

Documentários nacionais

Falei-lhes na última carta do documentário que sobre o Fémica Sport Club produziu o operador Adolfo Quaresma e que foi admiravelmente recebido por todos quantos o viram.

Soubemos agora que o mesmo operador tem completado um estudo para uma outra película, sobre os monumentos do Porto, a que pretende dar um apreciável sentido artístico, uma feição absolutamente nova, faltando, apenas, quem queira recompensar, pelo menos, parte do excesso do trabalho que a mesma origina e adquira o filme, cuja metragem tem, forçosamente, de exceder, embora um pouco, os habituais cem metros.

Com tão pequena exigência estamos certos de que não faltarão a Adolfo Quaresma empresas que, com a louvável preocupação de melhorarem os seus programas, lhe dêem o incitamento necessário a tão curiosa obra.

Uma «pareja» de mérito

Anuncia-se para esta semana a apresentação, no Porto, em estreia em Portugal, de um filme que é interpretado por uma *pareja* illustre: Katharine Hepburn e Charles Boyer.

São estes, com efeito, os dois artistas que vamos ver em «Corações desfeitos», uma produção que nos dizem possuir um argumento de grande relevo, visto que a interpretação tem de ser, pelo menos, magistral.

Estamos certos de que a ansiedade dos cinéfilos portuenses não será desiludida, antes redundará na confirmação plena do talento de dois dos mais luminosos astros da tela.

CARLOS MOREIRA



Mussolini disse que a paz era o intervalo entre duas guerras. Eis uma definição nada risonha, desagradável, incômoda ao nosso sossêgo de espirito. Mas não será ela verdadeira?

Fazemos votos para que o intervalo seja o maior possível, e oxalá a televisão não seja um dia empregada em levar a casa dos que ficaram o espectáculo da guerra, o eco do bater dos cascos dos quatro cavalos do Apocalipse.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

espírito daqueles que ao mesmo assistam.

Então, desde que assistamos à exibição de um filme optimista, alegre, engraçado, porque não nos havemos de rir à vontade?

A alegria das plateias é a nota mais pitoresca, mais sã e mais vibrante do espectáculo cinematográfico.

Pois, se os autores dos argumentos se esforçam, denodadamente, por nos comunicarem a sua alegria, por tôdas as formas, realçá-la, e os intérpretes empregam todos os meios para a tor-

NÃO foi o título singular ou o elenco em que havia nomes pouco conhecidos, nem tão pouco a fama do realizador, Edward Ludwig, que eu não conhecia de todo, que me levou ao Odeon, outro dia, a ver «O homem que reclamou a cabeça».

O tema é que era por demais sugestivo: — a guerra!

Não a guerra vista através da «Grande Parada», do «À oeste nada de novo» ou do «Quatro de Infantaria», com a sinfonia sinistra das granadas, o matraquear das metralhadoras e o macabro fogo de artifício dos «very-lights». A ser assim, arriscava-me a perder uma noite a assistir a coisas já muito repetidas. Pelo menos, o assunto, sob este aspecto, parece esgotado.

A guerra submarina, o ataque aéreo aos grandes centros, o heroísmo obscuro dos combatentes, a espionagem, a desolação e o luto cobrindo a face da terra: tudo passou bastas vezes ante os nossos olhos, pávidos, como um pesadelo.

Nenhum horror nos foi ocultado, toda a gama da dor, a própria loucura, foram mostrados às escâncaras, com requintes de realismo até eu não attingidos.

Mas só aqueles que lá estiveram podiam dizer de sua justiça, achar bem ou mal, afirmar se a verdade era aquela ou se havia outra...

Infelizmente parece que realmente não era bem assim, que era ainda pior.

É quasi certo que esses filmes traziam propósitos pacifistas, faziam a campanha do medo. Mas o processo era assás precário para dar um resultado positivo.

«O homem que reclamou a cabeça» enferma da mesma intenção, mas segue por caminho mais seguro.

Não se delém na descrição dos horrores da guerra. Remonta antes à origem de todos os conflitos e julga encontrar a sua razão de ser quando pergunta: — a quem aproveita a guerra?

E logo responde: — os fabricantes de armamento são os grandes empreiteiros da guerra!

Eis a tese do filme.

Para mim, tenho como certo que a tese está errada, o que não quer dizer que não tivesse achado interessante um filme que tem dentro de si uma ideia, a que, havemos de confessar, não é comum.

Não, a culpa não é dos fabricantes de armamento, pela mesma razão que não há mais mortes por se fundar uma agência funerária: tem é por se vender navalhas, que há fadistas...

O diagnóstico não pode deixar de estar mal feito ao afirmar-se que o efeito é que produz a causa.

Mas esta opinião encontra-se tão es-

LEMBRAM-SE do terrível acidente que custou a vida de Carlos Gardel, u dos maiores e mais populares cantores do nosso tempo. No entanto, à data da catástrofe, ignoravam-se, na Europa, quasi por completo, os pormenores da sua vida, a tal ponto que os primeiros telegramas se referiam «ao infatigável empresário sul-americano, em tournée».

Isto prova quanto é efêmera a glória e limitada no espaço—mesmo quando se trata de homens célebres. Porque este homem extraordinário foi tão ou mais popular, no seu país, que Maurice Chevalier em França, antes da guerra.

Aos olhos da América do Sul, foi uma espécie de herói nacional. Ao aparecer nos palcos dos «music-halls», em Buenos Aires, no Rio, em Pernambuco, Montevideo ou Valparaíso era aclamado pelo público, em delírio.

A sua viola e a sua voz

O pai era argentino. A mãe, uma francesa de Toulouse. Desde miúdo, revelou um feitio independente. O seu maior prazer era isolar-se nos ranchos longínquos, acamaradar com o povo, para ouvir as suas canções, aprendê-las e cantá-las, depois, acompanhando-se à viola.

Numa recebeu a mais pequena lição de música. Nunca conheceu uma nota. Quando trauteava uma ária, procurava na viola os acordes que convinham. O seu ouvido maravilhoso ajudava-o e aprendia tudo aquilo que queria, à primeira vez.

O seu maior atractivo era a voz. Aqueles que ouviram essa voz quente e insinuante, que êle modulava tão bem — ainda não a esqueceram, por certo.

O mundo é meu

A sua carreira? Após a guerra, quis correr o mundo. Foi para França, com sua mãe. Paris descobriu-o, em 1923. No Empire, com a sua viola, fez furor a cantar a *Ramona*, e a interpretar os mais célebres tangos argentinos.

Em 1926, voltou para a sua Pátria. «Carlos voltou», anunciaram os jornais argentinos, com letras de palmo. «Carlos Gardel está, outra vez, entre nós!»

A VIDA PRODIGIOSA DE

exclamou a multidão. E as crioulas, com os seus olhos incendiados, deitaram flores, à sua passagem.

Parece romance e, afinal, é a expressão da verdade!

A ascensão continuou. Durante quatro anos, de 1926 a 1930, fez grandes tournées pela América do Sul. Em 1932, regressou a Paris e interpretou quatro filmes. Depois foi para Nova-York. Interpretou mais dois filmes e, quando se preparava para regressar à sua pátria, a morte surpreendeu-o.

As suas recordações de artista dariam um volume curiosíssimo. No entanto, uma havia que êle evocava com frequência: as lições que deu ao então Príncipe de Gales, hoje S. M. Eduardo VIII, de Inglaterra, para lhe ensinar os tangos mais em voga, na Argentina.

O homem dos mil contrastes

O seu carácter?... O mais contraditório, que se possa supor. Boémio, noctívago, amigo de beber, levantava-se à hora que queria, ia para onde lhe apeteceu. No entanto, era um trabalhador infatigável, um homem ordenado e metódico, um crítico feroz, quando se tratava da sua própria pessoa. Agradecia que os críticos lhe apontassem os seus erros! Detestava a publicidade. Verdadeiro misântropo, fugia das honrarias, da sociedade, do mundanismo, e das pessoas que não conhecia. No entanto, era dedicadíssimo, e verdadeiro amigo dos seus amigos. Era um verdadeiro apaixonado pelo campo, um rústico quasi. Dotado duma natureza atlética, dedicava à cultura física, duas horas

C A R L O S



G A R D E L

por dia. A sua força era notável e, para «*pater les bourgeois*», gostava de torcer ferraduras, à mão. Em contraposição com tudo isto, era extremamente nervoso—e estremecia se alguém lhe falava inesperadamente, num tom mais alto.

Os cavalos e o dinheiro

Os cavalos eram a sua maior paixão. Tinha uma bela «*écurie*» em Buenos-Ayres e não fallava a uma única corrida importante. Não era um vicioso pelas apostas. O que apreciava, acima de tudo, era o espectáculo dinâmico, o espectáculo de beleza, dos animais à desfilada.

Tinha um soberano desprezo pelo dinheiro. E ganhava-o, às mãos cheias... Em Paris, chegou a ganhar 200.000 francos por mês. A crise não entrara com êle. Em Nova-York, deu, pela T. S. F., dois recitais de canto, que constituíram um verdadeiro acontecimento. Ganhou uma fortuna!

O dinheiro escorria pelas suas mãos. Dava-o, a torto e a direito. Era bom e generoso.

Supersticioso, até a medula, ouviram-no dizer muita vez: «Tenho que viver

mais intensamente do que os outros, porque sei que vou morrer novo!»

E as mulheres?

Sim, as mulheres?... É a pergunta que mais interessa, quando se fala dos grandes homens. Para êle, as mulheres eram as companheiras deliciosas, as bonecas frágeis, com as quais se deve ter os maiores cuidados. Foi amado por elas, que não o deixavam. Recbia cerca de 100 a 200 declarações de amor, por dia.

No entanto, nunca foi um D. Juan. As mulheres é que o procuravam, que o enfeitavam.

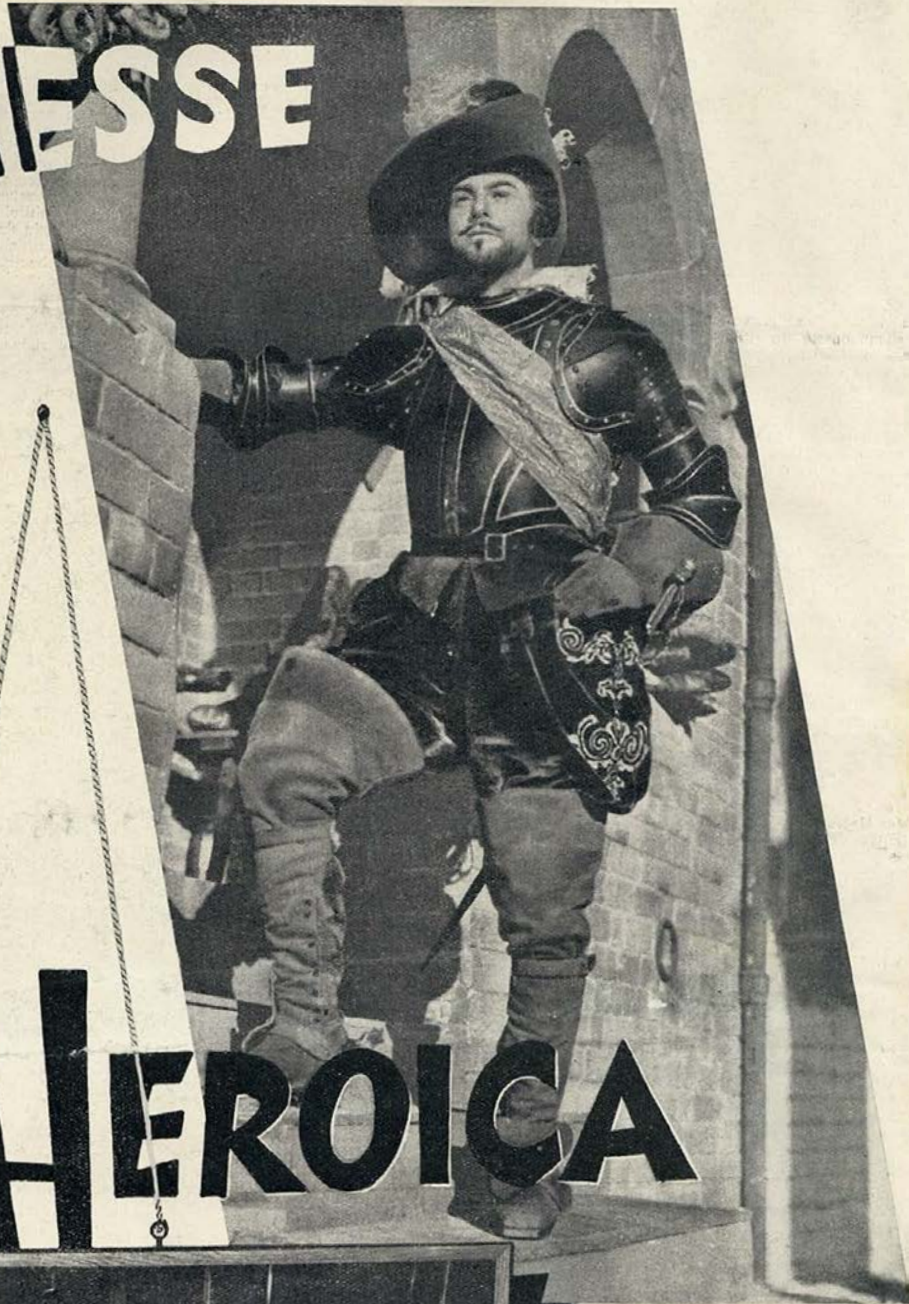
Entre todas, uma mulher, uma só, significava para êle felicidade e equilíbrio. Tinha orgulho em triunfar, por causa dela. Acompanhava-o sempre, acarinava-o, encorajava-o—de longe. Poucas vezes se viram—e nunca, sós! Êle chamava-lhe «o seu anjo da guarda». Durante toda a sua vida de celibatário impenitente, esta mulher foi para êle o único amor da sua vida—e foi-o, até ao fim.

Carlos Gardel, quando morreu, tinha quarenta e oito anos!

L. G.

O I D O L O D A S
M U L H E R E S

KERMESSE



HEROICA

O cinema francês encontrou, finalmente, o filme que lhe faltava para se impôr, ao lado do americano e do alemão, em perfeição técnica, em concepção e grandiosidade de espectáculo. *Kermesse Heroica*, que Jacques Feyder dirigiu, é, de facto, uma obra que conquistou o mundo pelas suas múltiplas qualidades artísticas e espectaculares.

Uma realização grandiosa

Kermesse Heroica, dizem os réclamos e é verdade, de todos os filmes produzidos em França é o mais caro. A «mise-en-scène», dum luxo invulgar, foi cuidada nos mais pequenos pormenores. Ante nossos olhos, perpassa, numa visão grandiosa, a vida dos burgueses flamengos, na época do domínio espanhol, em fins do século XVII. O filme é um fresco da vida alegre e risonha, nesse quadro e nesse século — uma verdadeira tela viva de Rembrandt.

Para se avaliar da grandiosidade da realização basta que se diga que, certo dia, figuraram no plateau, para a cena do pantagruélico banquete, cerca de 2.500.000 móveis, adornos e objectos vários, fornecidos pelos museus e anti-quários de todo o mundo.

A *Kermesse Heroica*, realizada pelo mais prestigioso de todos os realizadores franceses, Jacques Feyder, pode considerar-se o primeiro filme sumptuoso, de grande figuração e de grande espectáculo produzido em França.

A acção e os intérpretes

A acção evoca-nos, com um saboroso realismo, a vida dos burgueses flamengos no século XVII. A reconstituição é tão flagrante e a crítica tão profunda e certa, que o filme foi proibido na Holanda.

Os espanhóis dominavam então, como dominavam em Portugal. E as tropas que ocupavam a Flandres eram lusoespanholas, pois os Filipenses, instalados em Portugal, haviam enviado para lá regimentos mixtos.

Nos estúdios de Epinay, construiu-se



numa cidadezinha flamenga, onde em grande parte se desenrola a acção. A reconstituição foi minuciosa e magnificente. *Kermesse Heroica* tem a grandiosidade dos grandes filmes históricos americanos, mas não cai nas suas usuais rosquilhanças, nas suas ingenuidades, nas suas incongruências.

E dentro deste quadro sumptuoso desenrola-se a história mais alegre, mais viva, mais endiabrada. *Kermesse Heroica*, o novo filme de Jacques Feyder, renova e dá um encanto novo ao género histórico, na tela.

A interpretação é de primeira ordem e reúne todos os grandes artistas de Teatro e do Cinema francês. À cabeça do elenco, Françoise Rosay, Jean Murat, Alerme e Louis Jonvet dão-lhe uma categoria indiscutível.

Eis algumas notas sobre o notável filme que «Filmes Império L.» vai apresentar, brevemente, em espectáculo de gala, no Tivoli.

M A R I A V A L D E Z

A ÚLTIMA DESCOBERTA DE LEITÃO DE BARROS

COMEÇO este artigo com uma imposição: exijo na noite da estreia de *Bocage*, aplausos calorosos ao Henrique Cordeiro.

Não sabem quem é o Henrique Cordeiro? Eu também não o conheço mas sei quem é. É um miúdo que foi a casa de Maria Valdez participar-lhe que estava aberto um concurso para a escolha da protagonista do próximo filme de Leitão de Barros.

Maria Valdez, aconselhada pelo gaíto, concorreu... e venceu.

—E quem é Maria Valdez?

Maria Valdez é uma rapariga de 25 anos, insuportavelmente tentadora. É perigosamente bela, indiscutivelmente bela. Tem no rosto três pequeníssimos sinais, que são três enormíssimas tentações.

A boca é mais apetitosa que uma romã escaçada — eu não sei se já viram uma romã escaçada pelo calor do sol? É das coisas mais apetitosas e mais exóticamente belas.

Sobre as intérpretes

Elvira de Figueiredo, Manuela Menezes Bonito e Maria Valdez foram as três finalistas do concurso organizado para a escolha da protagonista de *Bocage*.

Elvira de Figueiredo já a conhecemos do teatro.

Manuela Menezes Bonito conheço-la através dos retratos nas suas músicas. Vamos vê-la num pequeno papel do *Trevo de quatro folhas*.

Mas Maria Valdez foi a descoberta.

Leitão de Barros é prodigioso para estas coisas. Descobriu a Rosa Maria, a Perpétua, a Dina, a Paulinha e, agora, a vampe das vampes.

Osses de ofício

Depois de mil e uma contrariedades, consegui saber a morada de Maria Valdez. Mas o asar seguia-me. Combinei ir lá a casa — e cheguei à hora exacta, o que é raro — mas, entretanto, saíra. Disseram-me que estava no *Voga*. O que será o *Voga*, o que não será...

Tive uma ideia salvadora. Telefonei para todas as raparigas que conheço a perguntar • que é o *Voga*. Deu resultado.

Minutos depois fui encontrar a protagonista do *Bocage* numa tormentosa ondulação permanente. Leitão de Barros fora o culpado de todo este sarilho.



já está escolhida a principal intérprete feminina do filme «Bocage»

Quería tirar centenas de fotografias no dia seguinte e Maria Valdez estava desencaracolada.

As provas do concurso

Para as provas do concurso Maria Valdez estudou dois sonetos de Virginia Vitorino, a música *Aquela Moça*, que Corina Freire já cantou, e duas cenas do *Bocage*.

Nessas cenas desempenhou o papel de *Marcia*, personagem que vai realmente encarnar em virtude do seu triunfo.

Marcia será uma rapariga excessivamente amorosa e insuportavelmente ciumenta.

A primeira cena é um diálogo ao ar livre, entre *Bocage* (Estevão Amarante) e *Aleipe* (Maria Castelar, segundo nos consta). *Bocage* está a resolver um proque, em virtude duma mordidela resolve ir a casa tratar-se; mas o poeta

não nota a sua ausência e continua a falar. Entretanto chega *Marcia* — irmã de *Aleipe* — e pergunta-lhe com quem é aquela conversa; *Bocage* compreende instantaneamente a situação e responde, com a sua celebrizada fleugma, que falava com ela, com *Marcia*. . . e o diálogo continua, depois desta mudança de personagem.

Esta foi a cena calma.

A outra é mais violenta. Já não é caracterizada pelo ar intencionalmente irónico que possui o diálogo da primeira mas sim pelo conflito.

Bocage está hospedado em casa de *Marcia*, e está encontra-o abraçado a sua irmã *Aleipe*, que vai dentro em dias recolher a um convento. *Marcia*, que já manteve as mais íntimas relações com o poeta, é ciumenta e estremeosa. Inblema de xadrez e conversa com *Aleipe* sulta-o, pergunta-lhe se não lhe chegam as *mulatas* e se procura desgraçar a irmã como a desgraça a ela. Depois

quere saber se sempre está resolvido a desposá-la, se...

Não conto mais nada, mas para descanço do leitor, sempre lhe digo que *Marcia* casa com o primitivo noivo, não esquecido, apesar-das relações amorosas com *Bocage*.

Mas o júri era exigente e Maria Valdez foi obrigada a cantar vários números de revista, como por exemplo a *Voz do Povo*, o *Fado do Cauleiro*...

Perguntas da praxe

Maria Valdez admira os filmes género *Greta Garbo* e *Marlene*, mas a sua actriz predilecta é a *Brigitte* e o actor *Wallace Beery*. Dos nossos: António Silva, Nascimento, Amarante e Erico.

De todos os filmes portugueses, prefere as *Papilas*.

E agora a bisbilhotice: mora numa casa amarela, n.º 16, 1.º andar; fuma cigarros *National*; não usa pestanas postíças...

A sua maior qualidade, a sua irrealizável qualidade é não possuir *sex-appeal*. *Marcia* Valdez é cem por cento portuguesa e em vez de *sex-appeal* é *picante*.

E como prova cabal desta afirmação basta dizer-lhes e garantir-lhes que nasceu no Cabo Mondego e viveu selvaticamente sete anos nas Berlengas, nas maravilhosas Berlengas que conheço através do Raúl Brandão e dos olhos languidamente rasgados de Maria Valdez.

* * *

Sou imensamente orgulhoso mas venho confessar uma falta. Combinei estar às 8 horas duma destas noites de inverno no camarim de Elvira de Figueiredo e não apareci. Aqui faço a minha penitência.

* * *

Tive sempre um fraco, um fortíssimo fraco, pelas brasileiras e pelo samba.

Orá como conheço a habilidade de Leitão de Barros para inventar tentações inéditas, como tenho bem presentes os ombros e os olhos de Maria Valdez, receio sinceramente cair ao Tejo quando for esperar essa brasileira que António Fagim e Virginia Quaresma foram buscar ao Brasil, segundo as indicações minuciosas do descobridor da Rosa Maria.

TELMO FELGUEIRAS



Manuela de Menezes Bonito



Elvira Figueiredo



Publicamos, a seguir, a pedido de vários leitores, o argumento de O Crime e o Castigo, o filme que Pierre Chenul extraiu do romance, de mesmo nome, de Dostoiévsky:

1865. São Petesburgo. A recente abolição dos servos e o temor perpétuo dos espíes políticos, a sôldo do czar, faziam germinar, no cérebro dos estudantes, ideias incendiárias. Dir-se-ia que a audácia do pensamento aumentava com a tirania policial, como consequência dum secreto instinto de compensação, de «révanche» intelectual.

Rodion Raskolnikov pertencia à «élite» dos estudantes, a esse pequeno cenáculo, vibrante de esperanças generosas, que procurava remediar a miséria e a fome, reformando — teoricamente — a sociedade.

Havia alguns meses que Raskolnikov não pagava a pensão. Magro, esfomeado, mal vestido, lia e escrevia, confiado nos seus pensamentos íntimos. Os condiscípulos admiravam a sua assombrosa personalidade e julgavam-no destinado a um futuro excepcional.

* * *

Certo dia, torturado pela fome, ouviu um dos seus camaradas criticar a dureza impiedosa de Aliona Ivanovna, a velha usurária.

— Uma mulher assim — é um monstro. Além de nos arruinar, não sabe aproveitar o dinheiro que nos arranca, porque vive na miséria. Um tipo que desse cabo de tal mulher não seria um criminoso — mas um justiceiro.

Raskolnikov ouvia-o, pensativo! Eis uma coisa a tentar. Um crime que não seria odioso, mas digno de simpatia. Era uma revolução autêntica, nos domínios da moral corrente, um facto que provava, à evidência, a estupidez das leis que castigam o crime em si, sem olhar à consequências sociais!

* * *

Obscuro por essa ideia, que se radicava no cérebro, Raskolnikov dirigiu-se a casa da sôrdida prestamista. Como todos os estudantes, conhecia-a bem. Era asquerosa, como um bicho peçonhento. Sob o pretexto de empenhar o relógio, pôs-se a observar a velha e os seus passos e prometeu voltar daí a dias.

Não pensava noutra coisa que não fôsse em cometer, sem riscos, esse crime, que, para ele, era apenas a demonstração prática duma tese curiosa. Apro-

veitou um momento de distração da hospedeira e roubou-lhe um machado. Escondeu a arma no sobretudo e foi a casa de Aliona Ivanovna.

Quando apanhou a velha avarenta inclinada a examinar a cigarreira que elle dera para a mão, Raskolnikov, bruscamente, abriu-lhe a cabeça, com um machado... Em seguida, precipitou-se para o quarto ao lado, para roubar o cofre onde a vítima escondia o dinheiro. Mas as mãos do criminoso tremiam. E não conseguiu meter a algeira o mais insignificante dos objectos...

* * *

Muito embora tivesse premeditado friamente o seu crime, não se podia furtar a uma das mais estranhas sensações. Queria fugir dali. Mas o regresso de Elisabeth, a irmã da usurária, forçou-o a um segundo crime, para que o primeiro ficasse secreto. E era preciso que assim succedesse — para elle verificar o êxito «moral» da sua experiência.

Desta vez, Raskolnikov, estremeceu de horror. Não tinha previsto a necessidade dêsse segundo crime... E os clientes de Aliona batiam à porta, repetidamente, estranhando o silêncio da velha... Tudo se ia descobrir. Ia ser preso, por certo. O seu crime seria julgado como o mais banal dos assassínios, tendo o roubo como móbil. Ouviu dois clientes descer, para chamar o porteiro. Era preciso fugir...

* * *

Sem ruido, Raskolnikov subiu para o andar superior. Escondeu-se num quarto, que estava em obras, e que os pintores haviam abandonado, momentos antes. Quando fugiu, percebeu que o porteiro subira já. Ouviu os gritos de horror, originados pela descoberta dos dois cadáveres. Estava coberto de suores frios. Aproveitou a confusão geral, para fugir.

Estava salvo! Ninguém o podia apontar como suspeito. O machado, bem lavado, voltou para o seu lugar de sempre. Ninguém o tinha visto!

* * *

A febre não o abandonou, desde então. O choque nervoso foi demasiado violento, para o seu corpo, minado pela miséria e pelas privações. Raskolnikov eucerrrou-se em sua casa. Delirava. A visita de sua mãe e de sua irmã irritaram-no a tal ponto, que correu com as visitantes, não sem ter desfeito o casa-

mento da irmã, à força de injuriar o futuro cunhado.

O seu fiel Razoumikhine também se confessou impotente para acalmar o desgraçado, cuja brusca mudança parecia a todos incompreensível.

Uma convocação do commissário da policia acabou por lançar o desespero, na sua alma torturada.

Tratava-se duma simples formalidade administrativa.

— O senhor deve alguns meses de hospedagem, declarou o ajudante do commissário. Assine este compromisso de não abandonar a cidade sem regularizar o montante das suas dividas.

Raskolnikov estava tão fraco, tão trémulo que o seu estado miserável impressionou o ajudante...

— Está doente?

— Estou... há alguns dias já.

O Commissário Porphyx entrou nesse momento. Era um homem alentado, cor-

lez, que passava por letrado. Um policia correu para elle:

— Sr. Commissário. Encontrámos uma boa pista: prendemos os pintores que trabalharam em casa de Aliona Ivanovne, no dia do crime.

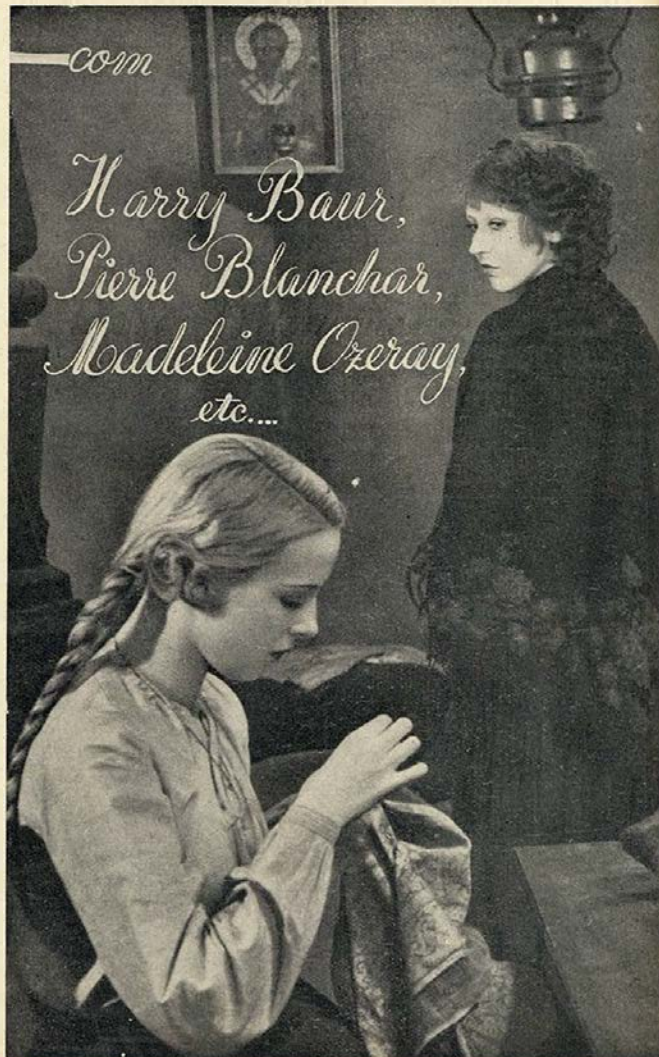
Raskolnikov, que assinava o documento empalideceu e sentiu-se prestes a desmaiar... Porphyx olhou-o, surpreso.

— É um estudante, que está cheio de febre, doente, há alguns dias... — explicou o ajudante.

Raskolnikov regressou ao seu quarto miserável. A obsessão evolucionava. Até aí, permanecera prostrado, encerrado entre quatro paredes. Agora sentia a necessidade de sair, de se evadir de si próprio, confundindo-se com os outros seres. Sua mãe enviara-lhe alguns rublos e poderia distrair-se.

os nossos filmes

CRIME E CASTIGO



com

Harry Baur,
Pierre Blanchar,
Madeleine Ozeray,
etc....

ESTA NOVA CERA DÁ FRESCURA ÀS FACES ENVELHECIDAS



Uma senhora de 40, ou mesmo de 50 anos, não deve resignar-se e aflição-se com uma epiderme áspera, seca e pouco atraente. Descobriu-se uma cera que possui propriedades verdadeiramente maravilhosas para fazer voltar a juventude a um rosto estragado e conservar a frescura e delicadeza da pele. Esta cera, conhecida sob o nome de Cire Aseptine, penetra directamente na camada exterior da epiderme áspera, rugosa, coberta de manchas e de imperfeições. Amolece-a e solta-a de tal maneira que, lavando o rosto de manhã, cai, em pequenas partículas, gradualmente, em fragmentos imperceptíveis e minúsculos. À medida que a nova pele, que se encontrava oculta, aparece, produz-se uma mudança notável no rosto, pois a Cire Aseptine não só destroi a pele áspera mas embelezou a nova, dando-lhe a frescura da juventude. A Cire Aseptine, encontra-se à venda em quase todas as perfumarias e nas boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Aseptine — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende sem demora. Não dando resultados satisfatórios o seu emprêgo, reembolsamos o seu custo.

**ROSIPOR,
OLY, YILDIZIENNE,
MIRABILIA, Etc.,**

poro póros dilatados,
peles oleosas, sêcos,
rugas, etc. — Produtos
excelentes do

**Academia Científica
de Beleza**

Av. da Liberdade, 35
Telf. 21866 LISBOA

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

— Então, na sua opinião, quem é ele.

— O senhor, precisamente! declarou Porphyx com doçura. Fêz-me viver alguns dos momentos mais emocionantes da minha carreira. Foi quasi como uma espécie de «coquetterie» que aguarde a sua confissão que, de resto, era perfeitamente dispensável... Há só um ponto que quero esclarecer: as investigações não podem ser orientadas sobre uma falsa pista.

O senhor estava deprimido pela fome e pela miséria e excitado por teorias perigosas. Além disso, a vítima não era simpática aos olhos de ninguém. Sabe, rei dar valor a essas atenuantes, para conseguir que sejam indulgentes. Mas, acredite: não vale a pena negar.

— Não há provas contra mim, arriscou o estudante.

— Sei isso, perfeitamente! Mas olhe que é melhor seguir o meu conselho. Reflita Raskolnikov... E até breve!

* * *

Só, abandonou-se a uma crise de desespero. Sentia-se vizinho da loucura. Quis desafiar as leis humanas, mas não conseguira vencer o remorso. Supunha ter um cérebro invulgar, capaz de conceber e pôr em prática as mais arrojadadas teorias: afinal era um criminoso, obsecado pelas nádoas de sangue, que fizera correr.

Era preferível acabar com isso, como lhe haviam dito Sonia e Porphyx. Só a expiação poderia expurgar do seu cérebro os fantasmas da sua alma obsecada e trazê-lo, de novo, ao convívio dos homens.

* * *

Acompanhado por Sonia, que silenciosa, o exortava com a sua presença, foi ao commissariado. E confessou bruscamente:

— Fui eu que matei a velha Aliona e a irmã.

O funcionário de serviço, estupefacto, obrigou-o a repetir, o que não queria crêr.

Libertára-se do pesadão. Aceitara a vergonha da prisão, em troca da paz de espirito.

* * *

...Depois do julgamento, seguiu, num comboio de forçados a caminho da Sibéria. Algumas mulheres, de longe, seguiam o triste cortejo. Sonia contava-se no número dessas companheiras fiéis, até no exílio...

Voluntariamente, quis expiar, no sofrimento e na humildade, as faltas que cometera, mais por culpa dos outros, que a haviam feito rolar, para o caminho da perdição!

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de ótimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora Lda. (em organização)
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1268 e 2 1277

Comp. Impressão e gravuras BERTRAND (irmãos), Lda.
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

32 números 1 ano	48500
25 " 6 meses	24500
12 " 3 meses	12500
Estrançeiro e Colónias, 32 num. 1 ano	65500

Visado pela Comissão de Censura

O juiz acolheu com a costumada bonomia os dois rapazes.

— Eu não me esquecia de si, volveu... Seria chamado a seu tempo...

E, depois duma pausa:

— Suponho que o conheço. Li, há tempo, um artigo seu muito curioso. Lembrou-me de que o sr. defendia esta lés: «Certos seres, duma classe superior, têm o direito de se desembaraçarem de todos os preconceitos para satisfazer o seu ideal. Se fôr preciso até, poderão matar, para atingir o seu fim!» Apre! O meu amigo é categorico. Escreveu isso convencido ou quis fazer malabarismos com os paradoxos?!

— Defendo, ainda hoje o que escrevi! volveu Raskolnikov, com entusiasmo, radiante por poder falar, ainda que indirectamente, do seu crime.

— E sabe? Estou convencido de que não é só o sr. que pensa assim, pelo menos reportando-nos os factos. Olhe, por exemplo; o caso do assassino de Aliona. Deve ser também um teórico... O pobre imbecil revelou uma inhabilidade confrangedora... Olhe que não foi capaz de roubar nada! Um crime puramente gratuito... Mas estou convencido de que não tardaremos muito em prender o culpado.

Nervoso, Raskolnikov interrogava, estabelecia hipóteses, criticava os métodos de investigação policiaes. Porphyx, sorridente, acalmava-o.

— Não!... Não creia nisso! Nós não nos fixámos em processos imutáveis... Às vezes, nos crimes deste género, cometidos por amadores, o próprio culpado mete-se na boca do lobo, chama a atenção sobre a sua pessoa. Segue o juiz, revoleta em seu redor, como a borboleta ao pé da luz... É preciso pouco para trair os seus nervos. Propostas imprudentes, um desmaio...

Raskolnikov pôs fim à conversa e retirou-se não sem que antes fôsse obrigado a prometer ao juiz que tomaria com ele uma chávena de chá, dias depois.

* * *

Encontrou Sonia. O espectáculo duma vida tão miserável como a sua era para ele um bálsamo. A estranha rapariga só lhe falava em arrependimento, em expiação necessária... Um dia, reuniu todas as suas forças e confessou-lhe:

— Sonia! Sou um desgraçado... Fui eu que matei Aliona e a irmã...

A rapariga olhou apiedada o infeliz. E em voz baixa aconselhou-o:

— Vai dizer a verdade ao juiz! A tua alma regenerar-se-á, pela expiação. Eu irei contigo até onde a justiça dos homens quiser que tu vás.

Mas Raskolnikov procurava salvar-se com desespero! Não! O tribunal não o apanharia! Não havia provas, contra ele.

* * *

Porphyx, quando o recebeu em sua casa, anunciou-lhe uma surpresa... Sem rodeios, o magistrado dava a entender que o estudante se lhe tornava, psicologicamente, suspeito. A habilidade estava em conseguir uma confissão formal do assassino... Raskolnikov, esgalado, ia, sem dúvida, capitular. Mas o colloquio entre os dois foi interrompido por um guarda, que veio dizer que Nicholas, o louco, atacado de misticismo, um dos pintores presos, se confessava autor da morte da velha. Porphyx franziu as sobrancelhas:

— Esse rapaz é doido! Todos sabem, como eu, que está inocente!

O guarda saiu e o magistrado voltou à carga:

— Mas ainda não lhe disse qual a surpresa que lhe reservava. Uma acareação com o vizinho de Aliona, que esteve aí ontem, a contar coisas muito complicadas...

O homem não veio. Raskolnikov readquiriu o sangue-frio. Se havia um que se acusava em seu lugar, ficaria ao abrigo de qualquer suspeita. E saiu, radiante!

* * *

No dia seguinte, pela manhã recebeu a visita do juiz. Porphyx gostava, não havia dúvida, de conversar com o rapaz. Como se fossem dois bons amigos, pô-lo ao corrente de todas as dificuldades:

— A minha opinião é inabalável: Nicholas está inocente. Não diz coisa com coisa. O verdadeiro criminoso é doutra esfera.

Numa taberna, onde entrou para se embebedar, encontrou o ajudante do juiz Porphyx. O funcionário ficou intrigado ante a estranha atitude do estudante. Raskolnikov, com efeito, mandou buscar todos os jornais que relatavam a morte da velha. Além disso, o rapaz, com todo o aspecto, dum miserável, sem cira nem beira, distribuía gorjetas principescas. Nada mais era preciso para despertar desconfianças! E quando tentou dirigir a palavra a Raskolnikov ficou ainda mais convencido...

— Suspeita de mim, não é verdade? Veio aqui para me espiar? gritava o criminoso. Quere-me obrigar a confessar que sou o assassino de Aliona! Achá que gastei muito dinheiro?! Não sabe como é de me veio parar às mãos?! Pois bem, veja se descobre! É para isso que lhe pagam!

E ria, com ar de louco, num desafio que tinha qualquer coisa de agressivo.

O funcionário bateu, prudentemente, em retirada.

* * *

Ao abandonar a taberna, Raskolnikov foi testemunha dum lamentável accidente: um carro atropelara um bêbado. O estudante quis levar a casa, o ferido, inerte, que vomitava sangue. Uma mulher magra e barulhenta, com todo o aspecto duma tuberculosa, recebeu-o. Falava com um pretenciosismo atrás e trazia agarrados, ao colo, os seus dois filhos, Polia e Koia.

O estudante soube então que o moribundo se chamava Marmeladov e que fóra outórora um dos grandes da corte. E o ferido, como quem se confessa, contou-lhe a sua triste história:

— É preciso que o senhor saiba tudo... Sou um malandro... Um malvado!... Veja ao que cheguei, à força de beber. Minha mulher, Catharina Ivanovna foi uma senhora, dançou no Palácio... Veja o que somos, Tudo por minha culpa. Tenho uma filha, do meu primeiro casamento: Sonia, um anjo... Uma noite Catharina zangou-se com ela. Que era uma inútil, que nem sequer tinha habilidade para ganhar dinheiro, como as outras...

Sonia, sem dizer palavra, saiu... Duas horas depois, alitrou algumas moedas para cima da mesa... Chorou muito, sózinha... Eu continuei a beber, com o dinheiro que ela ganhava, dessa forma miserável.

Raskolnikov tremeu, horrorizado, e apiedado. Uma rapariga nova entrou. Não obstante os estigmas duma vida desgraçada, tinha um ar modesto, quasi burguês. Era Sonia...

Olhou a pobrezinha, ajoelhada à cabeceira do moribundo. Raskolnikov sentiu que uma doçura infinita invadia todo o seu ser. Sentia-se atraído por ela, por uma súbita e invencível ternura. Sorriu, quando ela lhe agradeceu. Quis vê-la, novamente... A seu lado, estava menos só. Poderia falar-lhe e, quem sabe, dar um pouco de lenitivo à sua alma doente.

* * *

Para fugir aos pesadões que o assaltam durante o sono, Raskolnikov errava pelas vielas escuras do bairro... De súbito, estremeceu! Uma força estranha impeli-o para casa da usurária, e levava-o até à porta da escada. Puxou violentamente a campainha. Dir-se-ia um louco. O vizinho, estremunhado, com uma candea na mão, largou-lhe um «Que quere?» agressivo.

Raskolnikov gaguejou:

— Queria visitar o «appartement»... Ainda tem as nádoas de sangue?

O homem olhou desconfiado, estupefacto, aquele visitante nocturno. De súbito, compreendeu tudo. Aproximou a sua face da do estudante e rosnou: «Assassino!... Assassino!»

Raskolnikov fugiu, chicoteado pela voz humana que o perseguia, como um cão da sua própria consciência.

* * *

Dia a dia, a recordação do seu crime acabrunhava-o mais. E acabou por pedir, ao seu amigo Razoumikhine:

— Ouve lá! Não me disseste uma vez que o teu primo, o juiz Porphyx, foi encarregado de esclarecer o caso de Aliona Ivanovna?

— Disse...

— Gostava de lhe falar. Quero definir a minha situação.

E Razoumikhine levou Raskolnikov à presença do astucioso magistrado.

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 15 — 27 DE JANEIRO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Lillian Harvey

BREVEMENTE: A GRANDE SEMANA DE FESTAS DE «CINE-JORNAL»

